

## POSTIGO

*Jaci Bezerra*

À noite, móvel e imóvel, nua e insone  
ela invade o meu sono, sem que a veja,  
e impregnada de vício e de pureza  
abrsa na minha fome a sua fome.  
Tento reter essa visão sem nome  
que, sem razão, me busca e me deseja,  
mas ela, dominadora ou indefesa,  
adivinhand o meu intento, some.  
Depois reaparece, hostil e astuta,  
e antes de aproximar-se, desconfiada,  
o meu corpo fareja e me perscruta.  
Sabendo, impiedosa, enquanto espia  
que a alma em mim, partida e atormentada,  
não quer a noite nem aceita o dia.

## INVENTÁRIO DO FUNDO DO POÇO

*Jaci Bezerra*

À sombra do pé de amora eu me sentava, à tarde, para ler sozinho, as aventuras do Fantasma e outros heróis das histórias em quadrinhos.

Pelos quartos e varandas minha infância perseguia os homens maus, disparando o revólver de chumbo e galopando no cavalo de pau.

Imaginava emboscadas ao ir com meus irmãos apanhar caju na capoeira, e bandoleiro nenhum conseguia escapar da minha pontaria certa.

Casualmente, pela fresta do banheiro contemplei, deslumbrado, a nudez de uma moça de epiderme de pêssego e cabelos dourados.

Essa moça se apossava de mim e, na mais recôndita solidão do sítio, debaixo dos cajueiros eu cometia um pecado e praticava um vício.

Ao completar sete anos, fui com meus irmãos à matinê do Cinema Plaza, e escancarei os olhos ao ver um homem voando sem ter asas.

Minha mãe, ao anoitecer, se ajoelhava diante dos santos do oratório, e o padre, nas missões, evocava o céu, o inferno e o purgatório.